

**EDUCAÇÃO, LAZER E CULTURA JUVENIL:  
INVESTIGANDO PRÁTICAS DE LAZER EM CENÁRIOS DE  
ORGANIZAÇÃO E EXPRESSÃO DE CULTURAS JUVENIS URBANAS  
CONTEMPORÂNEAS E SUAS RELAÇÕES COM OS “ATOS DE CURRÍCULO**

Romilson Augusto dos Santos

**RESUMO**

No presente projeto buscamos investigar questões relativas ao Lazer, Educação e Culturas Juvenis e suas relações formativas. Objetiva identificar aspectos formativos que suas culturas de lazer veiculam, bem como suas expressões de práticas de lazer, permitindo dialogar no campo educacional. Tomamos como base, estudos etnográficos das práticas educativas pautadas na etnopesquisa crítica e, nesse sentido, adotamos uma atitude de investigação que deseja apontar a partir das conclusões da investigação em pauta, as proposições que podem ser anunciadas no âmbito dos cenários de organização e expressão de culturas juvenis contemporâneas.

Palavras-chave: Lazer. Educação. Currículo. Juventude.

**ABSTRACT**

We seek to investigate questions related to Leisure, Education and Youth Cultures and their formative relationships in this project. Objective is to identify formative aspects that these leisure cultures convey, as well as leisure practice expressions, allowing for dialogue in the educational field. We took ethnographical studies of the educational practices carried out in critical ethno-research as a basis. In this sense, from conclusions of the investigation on the agenda, we adopt an investigational attitude that wishes to put forward proposals that can be announced in the sphere of the settings of organization and expression by contemporary juvenile cultures.

Key words: Leisure. Education. Curriculum.

**RESUMEN**

En el presente proyecto buscamos investigar cuestiones relativas al esparcimiento, educación, las culturas juveniles y sus relaciones formativas. Objetiva identificar aspectos formativos que sus culturas de esparcimiento vehiculan, bien como sus expresiones de prácticas de esparcimiento, permitiendo dialogar en el campo educacional. Tomamos como base estudios etnográficos de las prácticas educativas pautadas en la etnoinvestigación crítica y, en este sentido, adoptamos una actitud de investigación que desea apuntar, a partir de las conclusiones de la investigación en pauta, las proposiciones que pueden ser anunciadas en el ámbito de los escenarios de organización y expresión de culturas juveniles contemporâneas.

Palabras llave: Esparcimiento. Educación. Currículo. Juventud.

## 1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O projeto de pesquisa, *Educação, Lazer e Cultura Juvenil: investigando práticas de lazer em cenários de organização e expressão de culturas juvenis urbanas contemporâneas e suas relações com os “atos de currículo”<sup>1</sup>*, situa sua problemática na investigação de questões relativas ao lazer, educação e culturas juvenis contemporâneas.

A nossa problemática está vinculada, também, ao processo de vulnerabilidade social em que se encontra a juventude nos países latino-americanos, principalmente no Brasil, dificultando, por conseguinte, o “[...] acesso às estruturas de oportunidades disponíveis nos campos da saúde, educação, trabalho, lazer e cultura” (ABRAMOVAY, 2002-9). Aliado a isso, encontra-se como fator primordial nesse processo as turbulências socioeconômicas desses países, criando assim um tensionamento entre os jovens, agravando ainda mais os processos de integração social, colaborando em algumas situações para o aumento da “violência e da criminalidade”. (ABRAMOVAY, 2002-9)

Impulsionado por estas questões, tomamos como objeto de investigação as culturas juvenis contemporâneas, principalmente aquelas afetadas a situação de exclusão e vulnerabilidade e, para tanto, procuramos dialogar com as literaturas que tratam especificamente dessa categoria, bem como outras que subsidiam a discussão pelo âmbito da educação, da cultura, do trabalho, da formação, do lazer e do currículo.

Em torno do diálogo com a literatura, com as vivências práticas e com atores sociais iremos interpretar aspectos que constituem a realidade estudada, na perspectiva de desvelar os sentidos e significados atribuídos às práticas de lazer em cenários de organização e expressão de culturas juvenis urbanas contemporâneas, tais como os movimentos dos grafiteiros e dos skatistas.

Para responder a essa demanda, estruturei a nossa argumentação tomando os estudos de Bracht (1992), Kunz (1994), Pais (1996), Abramo (2000), Groppo (2000), Papa (2003) e Leiro (2007), como principais referências.

Dialogar com duas categorias tão importantes como o lazer e a juventude será o nosso grande desafio. Do nosso ponto de vista, nunca se discutiu tanto sobre dois temas tão polêmicos e transversais. Talvez porque se tornou notória a importância que eles têm frente às mudanças sociais contemporâneas.

Cabe-nos uma atitude de investigação no campo do lazer, que possam revelar quais proposições se anunciam, no âmbito dos cenários de organização e expressão de culturas juvenis contemporâneas, identificando qual o projeto histórico desejamos construir para a educação e para as políticas públicas juvenis.

Ao iniciar o debate sobre as categorias juventude e lazer, importa registrar que se trata de um tema histórico que envolve interesses políticos, ideológicos e subjetividades.

Ao reconhecê-los como temas polêmicos, fazemos dadas as opiniões e controvérsias que envolvem o assunto. Nessa perspectiva é que se inscrevem as políticas públicas de juventude como política social.

---

<sup>1</sup> O termo “atos de currículo” é empregado por Roberto Sidnei Macedo em seu livro intitulado “Currículo: campo, conceito e pesquisa”, para designar todas as atividades que se organizam e envolvem uma determinada formação orientada por currículos.

Para refletir sobre a juventude, trazemos os estudos de Leiro (2007, p. 284) quando afirma que: “[...] a juventude deve ser reconhecida como um grupo de grande importância sócio-antropológica, mediado pela diversidade de interesse e definida hegemonicamente pela classe social a qual o jovem ou o grupo de jovens pertence”.

Para melhor entender o tema, o autor propõe ainda, uma aproximação com a uma rede teórica mais ampla denominada sociologia da juventude. E nessa linha afirma que “eleger a juventude como tema multidimensional requer refleti-la em sua significação específica e em distintas dimensões: trabalho, educação, comunicação dentre outros”, e nós acrescentaríamos o esporte e o lazer urbano. Assim, complementa, advertindo que “qualquer recorte específico é míope se desconsiderar o todo e os seus nexos históricos” (LEIRO 2007, p. 283).

Do ponto de vista histórico, o debate sobre juventude, segundo Groppo (2000, p. 13-14), pode ser dividido em três formulações conceituais:

As ciências médicas criaram a concepção de puberdade, referente à fase de transformação no corpo do indivíduo que era criança e que está se tornando maduro [...] a psicologia, a psicanálise e a pedagogia criaram a concepção de adolescência, relativa às mudanças na personalidade, na mente ou no comportamento do indivíduo que se torna adulto [...] a sociologia costuma trabalhar com a concepção de juventude quando trata do período interstício entre as funções sociais da infância e as funções sociais do homem adulto.

No bojo desse debate, que afirma a juventude como um tema sociológico Pais (1996, p. 27) considera que:

As problemáticas de investigação (em sociologia como em qualquer outra ciência social) aparecem associadas, regra geral, a problemas sociais, ou não fossem a actividade e a produção e a produção científicas um modo específico de inserção e participação dos investigadores sociais na sociedade. A presente pesquisa não foge à regra. O que desde logo convém explicitar são mecanismos que permitem passar do significante social ao significado sociológico.

A juventude enquanto “mito ou quase mito” aparece como uma fase da vida marcada por certa instabilidade associada a determinados problemas sociais, sendo na maioria das vezes apelidados de irresponsáveis ou desinteressados, principalmente quando estão vinculados a cenários de organização e expressão de cultura, tais como : os movimentos *hip hop*, *anarco-punks*, grafiteiros e skatistas, configurados pela sociedade como cenários de drogas, delinquência, desemprego, etc, tornando a juventude não uma fase da vida do homem, ou seja, a transição dos jovens para a vida adulta e sim um problema social e não um problema sociológico.

Analisando a juventude apenas como um problema social, teremos um quadro desafiador do ponto de vista de problemas de inserção profissional, de falta de participação social, de drogas, de delinquência, problemas com a escola, problemas com os pais. Porém, se analisarmos a juventude do ponto de vista de um problema

sociológico, talvez tenhamos um novo olhar sobre a cultura juvenil e a possibilidade de mudanças nos atos de currículo, conseqüentemente na formação da juventude.

É nessa perspectiva que Papa e Freitas (2003, p. 8) nos ajudam entender a juventude como política pública.

No enfrentamento desses, entre outros, desafios vem se constituindo o campo das políticas públicas de juventude no país. E, como não poderia deixar de ser, o processo é marcado por tensões: são variados os atores que aí se fazem presentes, bem como são diversas as representações de juventude que orientam suas ações embora essa disputa ainda esteja pouco visível.

No âmbito do governo federal, essas reflexões de Papa e Freitas (2003) além de outros estudiosos do assunto, ao lado da pressão dos movimentos e organizações sociais de juventude, encontraram eco e materialidade nos poderes legislativos e executivos.

A esse respeito, Leiro (2007) em suas reflexões sobre juventude traz à baila o processo de construção de comissões, conselhos e secretarias apontando os desdobramentos dessas ações afirmativas para a juventude quando diz:

No interior dessas reflexões, vale destacar as ações afirmativas de políticas públicas brasileiras para a juventude, quer no parlamento quer no poder executivo. Na Câmara dos Deputados do Brasil, principalmente na sua Comissão Especial Destinada a Acompanhar e Estudar Propostas de Políticas Públicas para Juventude (CEJUVENT), um conjunto de iniciativas marcou a atuação dessa comissão. A Comissão Especial para a Juventude reconheceu a importância de um marco legal para integrar, incluir e garantir os direitos de cerca de 50 milhões de jovens entre 15 e 29 anos de idade no Brasil.[...] No âmbito do executivo, importa registrar a criação da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) vinculada à Secretaria Geral da Presidência da República, como resultado de um Grupo de Trabalho Interministerial que envolve 19 ministérios. Trata-se de um órgão federal responsável pela implementação das políticas públicas para o segmento juvenil e que responde pelos programas federais desse setor em consonância com o Conselho Nacional de Juventude. (LEIRO, 2007, p. 293.)

Tais iniciativas possibilitaram uma maior organicidade governamental do conjunto dos projetos que tematizam a juventude. Essa experiência continua democraticamente sendo aperfeiçoada e tais comissões acabaram de realizar as conferências locais, regionais e no âmbito nacional.

Na mesma linha, o Ministério do Esporte vem realizando suas conferências nos âmbitos Municipal, Estadual e Federal enquanto políticas públicas de esporte e lazer para toda população como direito sociais na intenção de se constituir o Sistema Nacional de Esporte e Lazer. Requer dessa forma, uma compreensão de qual esporte e

lazer serão oferecidos à população com base nos eixos temáticos ordenamento legal, no financiamento e na formação neste campo.

No âmbito do esporte e do lazer, importa dizer que se trata de um fenômeno sociocultural da humanidade de grande alcance popular. Para Bracht (1992), trata-se de um fenômeno dual de esporte e lazer.

Normalmente, o tratamento dado ao esporte e à juventude é fruto do entendimento que temos em relação a ambos. As compreensões sobre os temas são de diversas ordens e que na grande maioria são vistos apenas por um olhar ou uma concepção adotada – normalmente partindo da visão de senso comum.

Do ponto de vista de Kunz (1994), o esporte deve ser interpretado como cultura do homem. Homem aqui entendido como “Ser-no-mundo”, sem distinção entre corpo e mente. Traz suas argumentações a partir de olhar fenomenológico e aponta equívocos presentes na forma como o esporte vem sendo desenvolvido pela sociedade.

O esporte é atualmente um produto cultural altamente valorizado em todo mundo, pelo menos no sentido econômico. São investidas somas extraordinárias para que os resultados cada vez melhores sejam alcançados. E a ciência que está a sua disposição não é uma ciência com interesse no humano ou na sua dimensão social, mas com interesse tecnológico e rendimento. Esta ciência toma os indivíduos praticantes deste esporte, com objetos de manipulação, objetos à sua disposição, “para trabalhá-los” de uma forma externa a eles próprios, ou seja, sem a sua participação efetiva na busca de soluções para o aperfeiçoamento físico-técnico. A participação subjetiva dos praticantes do esporte de alta performance fica cada vez mais reduzida aos atletas de elite, provocado, exatamente, por estas “fabricas de campeões”, que são os modernos centro de treinamento esportivo. (KUNZ, 1994, p. 22)

O esporte urbano é um conceito em debate. Na vida urbana juvenil em contato dinâmico com estas experiências esportivas, é possível encontrar outras experiências culturais tais como: os movimentos *anarco-punks*, *hip hop*, grafiteiros, dentre outros que considero como lazer. Os grafiteiros são também componentes do hip-hop que utilizam a grafiteagem como possibilidade comunicação, liberdade de expressão e irreverência aos problemas sociais vividos por eles.

Assim, também o graffitar que se difunde de forma intensa nos centros urbanos significa riscar, documentar, de forma consciente ou não, fatos e situações ao longo do tempo. Diz respeito a uma necessidade humana como dançar, falar, dormir, comer etc.

É impossível dissociar essas necessidades humanas da liberdade de expressão. Não existe graffiti ou quem o produza de forma não democrática. Aliás, o graffiti veio para democratizar a arte, na medida em que acontece de forma arbitrária e descomprometida com qualquer limitação espacial ou ideológica. Todos os segmentos sociais podem vir a ser lidos pelos artistas do graffiti, assim como seus símbolos espalhados

pela cidade podem ser lidos por todos. (GITAHY, 1999, p.12-13)

O esporte urbano é uma expressão de organização de culturas juvenis contemporâneas contempladas no âmbito do lazer e que, portanto, possibilita outros sentidos e significados às práticas corporais.

Dentre as expressões de culturas esportivas urbanas, algumas tomam destaque – o basquete de rua, parkour, rapel em pontes, os skatistas e, diversos esporte de aventura, manifestados sob forma de lazer.

Outros movimentos culturais urbanos aparecem no cenário juvenil que também tomam destaque, tendo a música, a poesia e a literatura como expressões de lazer. O estilo de vida às vezes, determina a forma de viver das culturas juvenis contemporâneas no cenário urbano. Movimentos como os punks, ganham destaque nas grandes metrópoles quando relacionados às suas formas de lazer.

O estudo tem ainda apoio, em referências teórico-metodológicas que privilegiam cotidianidade, rotas, rotinas, rupturas, sentidos, significados e singularidades contempladas pela Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial. Nesse sentido, é que temos como objetivo compreender no contexto de culturas juvenis urbanas contemporâneas suas práticas de lazer, enquanto expressões culturais singulares, assim como, a sua relação com a formação e os “atos de currículo”, expressa pelos próprios atores dessas culturas.

A concepção que adotamos de currículo ultrapassa a visão simplista, reducionista, uniforme, “niilista ou mercantilizada” de currículo que leva a um “*empoderamento político-pedagógico*”. Compreendemos currículo como um “campo” com possibilidades de uma formação compromissada com a “*educação cidadã*”. (Macedo, 2007, p.22).

Macedo (2007) apoiado em (GOODSON, 1998) chega a afirmar que o currículo é uma “tradição inventada” e que, portanto, se apresenta como “[...] um artefato socioeducacional que se configura nas ações de conceber/selecionar/produzir, organizar, institucionalizar, implementar/dinamizar saberes conhecimentos, atividades, competências e valores visando um dada formação, configurada por processos e construções constituídos na relação *conhecimento eleito educativo*” Dessa forma, o currículo se atualiza “de forma ideológica” tomando a configuração de “atos de currículo”. (MACEDO, 2007, p.24-25)

Ao desconfiar do *status quo*, as teorias críticas vão direcionar seus olhares críticos sobre as iniquidades sociais e as injustiças que excluem através dos *atos de currículo*. Chamamos de *atos de currículo* todas as atividades que se organizam e se envolvem visando uma determinada formação, operacionalizada via seleção, organização, formulação, implementação, institucionalização e avaliação de saberes, atividades, valores, competências, mediados pelo processo *ensinar/aprender* ou sua projeção.

É aí que o ângulo muda e se reconfigura, e atenção da teoria crítica volta-se para compreender *o que o currículo faz com as pessoas e as instituições* e não apenas *como se faz o currículo*. (MACEDO, 2007, p. 38).

## 2. A PROBLEMÁTICA: O PROBLEMA INVESTIGATIVO, OS OBJETIVOS E AS QUESTÕES DE PESQUISA

Ao longo deste trabalho, estão presentes diferentes concepções sobre o lazer a partir do diálogo com autores que discutem a temática, destacando quais são as abordagens reconhecidas nas categorias teóricas privilegiadas, procurando identificar as várias formas de entendimento do lazer. A partir desse argumento, foi possível refletirmos sobre alguns questionamentos provocativos:

Quais aspectos formativos emergem das culturas juvenis contemporâneas enquanto culturas de lazer urbano? Não estaríamos excluindo dos processos educativos na formação das culturas juvenis urbanas contemporâneas a serem pesquisados, os mais ricos elementos culturais para estimular aprendizagens significativas para o lazer, com o lazer?

Assim, nossos objetivos de pesquisa são:

### Objetivo Geral

- Compreender no contexto de culturas juvenis urbanas contemporâneas suas práticas de lazer, enquanto expressões culturais singulares, assim como a sua relação com a formação e os “atos de currículo”, expressas pelos próprios atores dessas culturas, focando nossas ações investigativas nas expressões e práticas dos movimentos *anarco-punks*, grafiteiros e skatistas.

### Objetivos específicos

- Interpretar, a partir dos sentidos veiculados pelos atores sociais pesquisados, as tensões entre as expressões culturais que cultivam e os “atos de currículo” escolar e seus ideários formativos vividos por eles;
- Apontar quais as contribuições que essas práticas oferecem a uma teoria contemporânea do lazer, tomando as culturas juvenis estudadas como referência e uma possível contribuição ao currículo escolar e sua perspectiva formativa;
- Compreender, a partir das práticas investigadas, e de sua “bacia semântica”, como os atores da pesquisa interpretam seu processo formativo.

Nestes termos, delimitamos as seguintes questões investigativas:

- Como emergem do cotidiano dos atores/jovens pesquisados, os aspectos formativos que suas culturas veiculam de lazer?
- A partir do ponto de vista dos próprios atores sociais, como o currículo escolar dos grupos investigados tem tratado a questão das culturas juvenis urbanas contemporâneas por eles expressas?
- Que processos formativos aparecem nesses cenários de culturas juvenis urbanas contemporâneas capazes de compor o currículo escolar, expressos pelos atores sociais implicados?
- O que pensam e dizem os atores pesquisados sobre a formação vivenciada, relacionando-a com suas práticas culturais?
- O que podemos concluir enquanto construção para redimensionar/reconceptualizar o currículo nos aspectos relativos ao lazer e às culturas

juvenis urbanas contemporâneas, tal como vivenciadas vivenciados pelos grupos investigados?

### 3.O MÉTODO COMO CAMINHO E ITINERÂNCIA DE PESQUISA

A escolha de uma ou mais categorias de análise para realizar uma investigação científica, não se dá de forma homogênea como se parece ser. Tem por trás da investigação em curso, uma implicação do pesquisador com tais categorias, de maneira que, na grande maioria, sofre influências da história de vida do mesmo. História essa, construída em territórios de identidades fecundos de práticas cotidianas, com singularidades, ambivalências, contradições, rotas, rotinas que fazem parte da vida e que ao mesmo tempo determinam quais caminhos serão adotados em suas investigações. Eleger as categorias de análise requer caminhar por esses territórios fecundos de ambivalências e cotidianidades, rotinas e rotas sem perder de vista seu objeto de estudo.

Escolher as culturas juvenis como objeto de estudo, é ainda mais, uma opção pautada em um engajamento político que adotamos frente às práticas de lazer que envolve sentidos e significados aos sujeitos históricos, capaz de possibilitar a eles, experiências no tempo livre, privilegiando o lúdico, a festa e a arte. Tal implicação tem em sua essência, o desejo de compreender/interpretar o mundo desses jovens atores, que utilizam de forma híbrida, o lazer como válvula de escape para expressar seus sentimentos e em outros momentos, para criar um movimento de resistência ao descaso dado pela sociedade às suas compreensões de mundo. Às vezes expressas no movimento *hip hop*, através da música, às vezes, nos movimentos dos skatistas em suas manobras “radicais” e dos grafiteiros em sua arte de rua, e, às vezes expressas nos movimentos dos *anarco-punk* em suas ações anárquica do “faça você mesmo”.

Dessa forma, os motivos que nos impulsionam a investigar as culturas juvenis urbanas contemporâneas têm implicações na formação do sujeito pesquisador que adotamos e, ao mesmo tempo, da nossa história de vida enquanto ator dessa mesma formação cheia de rotas, rotinas e rupturas.

Tal opção epistemológica reside na compreensão que esta rota provavelmente seja um caminho possível, ou seja, o método que compreendemos dar conta das aspirações tanto do ponto de vista pessoal, como do ponto de vista do pesquisador.

Para tal desafio, tomaremos como base, os estudos etnográfico-semiológicos das práticas educativas orientadas pela Etnopesquisa Crítica (MACEDO, 2000; 2006). A pesquisa estará fundamentada em recursos qualitativos e quantitativos, baseados nos pressupostos filosóficos da sociofenomenologia, assumindo trabalhar a partir da complexidade<sup>2</sup> da situação concreta da área pesquisada, evitando interpretações estanques. Apoia-se, em referências teórico-metodológicas que privilegiam cotidianidade, rotinas, sentidos, significados e singularidades contempladas pela Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial. Portanto, caminhar na trilha etnográfica é “[...] tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com sinais convencionais do som,

---

<sup>2</sup> Ver Edgar Morin em seu livro *Terra-pátria* (1995, p. 147-152). Seria interessante também ver as argumentações sobre complexidade apresentadas por Teresinha Fróes Burnham no artigo intitulado *Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar*, publicado na revista *Em Aberto*, n. 58, p.3-13, abr./jun. de 1993.

mas com exemplos transitórios de comportamento modelado”. (GEERTZ, 1978, p. 321-320 apud MAGNANI, 1984, p.12)

Outra compreensão da natureza etnográfica e semiológica, com a qual temos concordância, é apresentada por Macedo (2000), quando o mesmo analisa as opções metodológicas de cunho qualitativo, principalmente a etnopesquisa:

A opção da etnopesquisa se evidencia pela etnografia semiológica como recurso metodológico básico e suas especificidades clínicas ou qualitativas. Tais especificidades do método etnográfico nos remeteu, de alguma forma, à noção de pesquisa qualitativa, podendo assumir esta noção conotações diferentes, dependendo da orientação teórica de quem utiliza. Tomando de empréstimo as elaborações de Lüdke e André (1986) sobre as pesquisas que priorizam os âmbitos qualitativos da Educação, podemos dizer que as etnopesquisas apresentam as seguintes características metodológicas:

‘Tem o contexto como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seus principais instrumentos; supõe o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada; os dados da realidade são predominantemente descritivos, e aspectos supostamente banais em termos de status de dados significativamente valorizados’.

Nestes aspectos, valoriza-se intensamente a perspectiva qualitativa-fenomenológica, que orienta ser impossível entender o comportamento humano sem tentar estudar o quadro referencial e o universo simbólico dentro dos quais os sujeitos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. (MACEDO, 2000, p. 144-145).

Macedo (2000) aponta caminhos pertinentes para uma observação e a presença de um olhar sensível e analítico como rota investigativa qualitativa.

Sabe-se que é inerente à observação direta de características qualitativas chegar mais perto possível da perspectiva do sujeito, tentando apreender sua visão de mundo ou mesmo dos significados que atribuem à realidade, bem como às suas ações. A experiência direta compreendo, é sem dúvida o melhor “teste de verificação” da ocorrência de um determinado fenômeno.

Faz-se necessário frisar, ainda, que o processo de observação não se consubstancia num ato mecânico de registro. Apesar da especificidade da função do pesquisador que observa, ele está inserido num processo de interação e atribuição de sentidos. Goffman (1983) nos diz que quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informações a seu respeito ou trazem à baila as que já possuem. É com base nas evidências apreendidas que começa o processo de *definição da situação* e o planejamento das linhas de ação. À medida que a interação progride, ocorrerão, sem dúvida,

acréscimos e modificações no estado inicial das informações. (MACEDO, 2000, p. 151).

Com relação à utilização na nossa rota de investigação com elementos do grupo nominal ou focal, vale dizer que se trata de um recurso de coleta de informações valiosas para o etnopesquisador, cuja boa aplicação resultará de informações altamente significativas para a interpretação e a descrição densas do objeto pesquisado; requer, ainda, uma escuta sensível e uma atitude de tolerância das *ambigüidades, paradoxos, contradições, insuficiências, impaciências, compulsões, até mesmo sentimento de rejeição ao tema tratado ou sua metodologia*. Esta organização deve se dar a partir de discussão coletiva, “[...] realizado sobre um tema preciso e mediado por um animador-entrevistador ou mesmo mais de um” (MACEDO, 2000, p.178).

Em realidade, configura-se numa entrevista coletiva aberta e centrada. Alguns elementos, entretanto, devem ser levados em conta: os membros do grupo; sua preparação para entrevista; as condições de tempo; o lugar do encontro; a qualidade da mediação ou do entrevistador em termos de domínio da temática a ser trabalhada e da dinâmica grupal.

A composição do grupo é, com efeito, a primeira preocupação do mediador. A coleta de informações se restringe a 8 ou 12 membros, aproximadamente, que tenham afinidade com o objeto pesquisado(princípio da representatividade do grupo).

É necessário, ainda, que o(s) mediadore(s) conheça(m) seu *métier*, isto é, que ele formule de uma maneira pertinente e concisa para o grupo o tema-objeto da pesquisa e suas questões. (MACEDO, 2000, p. 178)

Vale dizer também que, durante a realização da pesquisa, utilizaremos como forma de registro, formulários, fotografias, gravações, conversas informais com membros atores /jovens pesquisados, bem como o diário de campo com descrição densa da nossa itinerância de pesquisa. Ao utilizar tais técnicas temos a pretensão dar maior densidade à investigação, de forma que as análises interpretativas possam revelar sentidos e significados ainda não decifrados durante a pesquisa. A imagem na etnopesquisa nos ajuda a decifrar e desvelar ainda mais, através de símbolos e signos, atribuídos pela linguagem não-verbal, e imagética às culturas juvenis contemporâneas.

Em “Fenomenologia do Ato Criador”, Aranha (1995) nos diz que “ir às imagens formadas é uma interiorização que, obviamente, desvela novos atos, novas dimensões de um existir reflexivo. Inspirada em Merleau-Ponty, para esta autora, um ato de conhecimento visual, por exemplo, é um desvelar da consciência, uma descoberta de um novo sentido sobre a experiência que foi vivida... desvelamento de novos horizontes que originam novos sentidos que, então, refundam aquilo que já foi visto ou experienciado.”

No que concerne ao conhecimento em nível da criação visual, Aranha argüi sobre a necessidade de desvelar a consciência fenomenológica, “dirigir o ato à experiência que se alojou como

sentido e que criou o estado de consciência visto, a tensão visual, a imagem. (MACEDO, 2000, p. 182)

No que concerne à pertinência e relevância dos recursos metodológicos utilizados, temos que uma pesquisa qualitativa é aquela que nos permite reconhecer a partir da “descrição, análise e interpretação dos dados” adquiridos durante o processo investigativo, os sentidos e significados dos atores sociais e torná-los contextualizados aos nossos achados, sem uma preocupação em generalizar.

Conforme diz Airton Negrine (1999, p. 61),

[...] Os modelos metodológicos adotados nesse tipo de pesquisa apresentam, no momento, uma franja interessante e, de certo modo, ampla. Variam desde os estudos hermenêuticos e fenomenológicos, utilizados com frequência no campo da filosofia, até estudos etnográficos que estão muito presentes nas investigações antropológicas.

Segundo Magnani (1984), a fala dos sujeitos permite reconhecer o nosso objeto de estudo com maior detalhe, podendo, a partir daí, re-significá-lo, percebendo cada atitude, cada detalhe que possibilite sentidos e significados que venham aparecer durante a pesquisa, ou seja, ir além das aparências que normalmente estão presentes nas pesquisas de cunho única e exclusivamente quantitativo.

Neste sentido, este autor nos diz que:

[...] é preciso estar atento a cada gesto, palavra ou hábito por mais insignificante que possam parecer. Para compreender seu significado e poder relacioná-los com outros aspectos do sistema cultural é imprescindível, além das explicações dos nativos, observá-los no contexto da vida tribal. Faz-se necessário inclusive manter, de alguma forma, esta situação de “estranhamento”, pois à medida que o desconhecido vai se tornando familiar, corre-se o risco de prestar atenção apenas a questões supostamente mais importantes. (MAGNANI, 1984, p.10)

Do ponto de vista da análise dos dados optaremos pela Análise de conteúdo de base hermenêutica crítica, com uso de “categorias intercríticas” Macedo (2006).

Da perspectiva da etnopesquisa, a análise de conteúdo é um recurso metodológico interpretacionista que visa descobrir o sentido das mensagens de uma dada situação comunicativa. Está longe, portanto, de um modelo aplicativo, enquadrado em qualquer regra fixa. Daí o porque de o pesquisador, com seu *background*, ser o principal instrumento das análises. Um poema, um discurso, uma entrevista, uma história de vida, uma declaração verbal ou escrita, um diário pessoal ou de campo, um livro didático etc, são objetos de uma análise de conteúdo. Isto é,

qualquer *documento* onde o conteúdo possa emergir significativamente para os interesses de uma pesquisa, para a compreensão de uma dada situação, via processos construcionistas da comunicação humana.(MACEDO, 2000, p.209).

É dessa forma que se constituirão os procedimentos metodológicos para a investigação da temática em foco.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De onde estamos, a percepção nos diz ser impossível antever a história prevendo o futuro, haja vista a “complexidade e opacidades das realidades humanas”, principalmente da cultura juvenil ou culturas juvenis. Para tanto, precisamos ter um olhar político, crítico e ético sobre a juventude. É a partir desse olhar político, que nos propomos a dialogar sobre educação, lazer e culturas juvenis, ou seja, enquanto política para e com a juventude e suas repercussões nos “atos de currículo”.

Aliado a isso, encontra-se como fator primordial nesse processo, as turbulências socioeconômicas desses países, especificamente o Brasil, que tem ocasionado um tensionamento entre os jovens agravando ainda mais os processos de integração social, e isso colabora em algumas situações para o aumento da “violência e da criminalidade”. (ABRAMOVAY 2002-9). Entende-se aqui violência como toda ação material ou simbólica dos os atores sociais.

Esse tensionamento é decorrente da falta de acesso aos bens materiais e simbólicos que atinge esses jovens. Tal fato contribui, em grande escala, para o processo de exclusão social em que vive a grande maioria da população.

No caso da juventude, esse agravamento das tensões gera conflitos de gerações e tem como conseqüência as adjetivações de marginais, vagabundos, delinquentes. São considerados, portanto, problemáticos, e, por isso, um risco social.

A sociedade precisa aprender a lidar com essas expressões de cultura juvenis contemporâneas. Compreender que a juventude quer mais que voz; quer voto, quer inclusão, pertencimento e reconhecimento.

Pensar o lazer e juventude é pensar na universalização das práticas corporais de esporte e lazer enquanto direito social. Nesse sentido, pensar uma política de inclusão social de esporte e lazer deve, de fato, ser associada a outras questões sociais e atender a toda população, através de linhas de ações transversalizadas mais amplas, criadas e redimensionadas em diferentes programas, articuladas com vários serviços públicos como: saneamento ambiental, segurança, saúde, educação e cultura, buscando parcerias com a iniciativa privada, o terceiro setor, instituições estrangeiras, internacionais e comunidades locais, dentre outros.

Outro fator importante no desenvolvimento das políticas de esporte e lazer para a juventude é levar em consideração a falta de condições objetivas para a prática de esporte e do lazer, a exemplo de: materiais, equipamentos comunitários inadequados; recursos humanos escassos e despreparados e insuficiência de investimentos. Não é apenas suficiente alcançar crescimento econômico e construir equipamentos. A questão mais profunda é o que fazer para a formação humana.

Diante disso gostaria de trazer para os leitores algumas reflexões/ perguntas:

Qual a fronteira entre o esporte federalizado e os jogos de rua? A exemplo do Basquete de rua?

O que podemos chamar de esportes urbanos?

Desse modo, todas essas questões precisam acreditar no direito e na participação da juventude como dizia Gonzaguinha: Eu acredito é na rapaziada que segue em frente e segura o rojão e ponho fé é no pé da moçada, que não foge da fé e enfrenta o leão, eu vou à luta com essa juventude [...].

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMOVAY, Mirian et al. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2002.
- BEAUD, Michel. *A arte da tese: como preparar e redigir uma tese de mestrado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1994.
- BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BORBA, Sergio da Costa. *Multirreferencialidade na formação do "professor-pesquisador" da conformidade à complexidade*. Maceió: Ed. do autor, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Pesquisa participante*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DUMAZEDIER, Jofre. *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Stúdio Nobel; SESC, 1994. (Cidade Aberta).
- \_\_\_\_\_. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- ELIAS, Nobert. *O processo civilizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 1: Uma história dos costumes.
- \_\_\_\_\_. *O processo civilizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 2: Formação do estado e civilização.
- GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1987.

- HERSKOVITS, Melville J. *Antropologia cultural "Man and his works"*. Tradução Maria José de Carvalho e Hélio Bichels. 8ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1973.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1974.
- LEIRO, Augusto Cesar Rios. *Formação do pesquisador em educação: identidade, diversidade, inclusão e juventude*. In: PIZZI, Laura Cristina Vieira.; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico (Org.). *Educação e Cultura Juvenil: perspectiva histórica, políticas públicas e desafio acadêmico* Maceió: EDUFAL, 2007. p.283-296.
- LUBISCO, Nidia M. L.; VIEIRA, Sônia Chagas. *Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- MACEDO, Roberto Sidnei. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. Salvador: EDUFBA, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Chrysallís, currículo e complexidade: a perspectiva crítico: multirreferencial e o currículo contemporâneo*. Salvador: EDUFBA, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Etnopesquisa crítica etnopesquisa: formação*. Brasília: Líber Livro, 2006.
- \_\_\_\_\_. Por uma epistemologia multirreferencial e complexas nos meios educacionais. *Revista da FAEEBA*, n.7, p.33-52, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Currículo: campo, conceito e pesquisa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MADURO, Otto. *Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1994.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARCELINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. Campinas, SP: Papyrus, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da animação*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- MARTINS, Joel. *Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como póiesis*. São Paulo: Cortez, 1992.
- MENGA, Lüdke; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. *Currículo: questões atuais*. Campinas, SP: Papyrus 1997. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- MORIN, Edgar. *Terra-pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Ciência com consciência*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. INCM, 2003 2ª edição
- REQUIXA, Renato. *As dimensões do lazer*. São Paulo: SESC, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo, SESC, 1980.
- RIFKIN, Jeremy. *O fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e redução da força global de trabalho*. São Paulo: Macron Books, 1995.
- ROBERTSON, Roland. *Globalization: social theory and global Culture*. London: Sage, 1996.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-a'* ed. São Paulo: Cortez, 1998.

Dados do Autor:

Romilson Augusto dos Santos

Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Bahia- Faculdade de Educação.  
Avenida Reitor Miguel Calmon s/n- Vale do Canela. Telefones 71-3244-7641/ 8791-  
1964.e-mail:romiss@ufba.br .Recurso Tecnológico Necessário para a Comunicação  
Oral : Data show e DVD.